

JOÃO BRANCO PIRES, PRESIDENTE DA ARDEA

Equitação açoriana com futuro risonho

FOTOGRAFIA PEDRO ALVES | DI



JOÃO BRANCO PIRES realça aposta da ARDEA na formação de jovens cavaleiros

João Branco Pires considera que os excelentes resultados alcançados no Campeonato Nacional de Dressage confirmam a qualidade da equitação regional.

Os quatro jovens cavaleiros açorianos que representaram a ARDEA – Associação Regional do Desporto Equestre dos Açores no Campeonato Nacional de Dressage (Ensino) estiveram em plano de evidência com a conquista de dois primeiros lugares, um segundo e um terceiro. Qual é que foi o segredo de tamanho sucesso?

Este êxito é fruto do trabalho que tem sido desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos, sobretudo pelos centros associados da ARDEA e pela possibilidade que esta associação tem de colocar no terreno um projeto de aumento desportivo a tempo

inteiro, criando, deste modo, as condições para que os atletas evoluam e sejam cada vez mais portadores de aptidões para a prática da modalidade e, claro, que posteriormente as possam demonstrar a nível nacional. É esta, no fundo, a ação que a ARDEA tem realizado, ou seja, proporcionar as ocasiões para ser apresentado o resultado final deste projeto que é, refira-se, um trabalho dos atletas, dos seus treinadores e dos centros associados da ARDEA.

Isto significa que os centros associados da ARDEA têm respeitado o projeto que esta associação idea-

lizou, visando o almejado desenvolvimento da modalidade?

Sem dúvida nenhuma! Até a ARDEA surgir, não havia qualquer quadro competitivo nos Açores. Há um quadro competitivo nos Açores desde há cinco anos a esta parte – vamos para o sexto ano de atividade – devido ao aparecimento da ARDEA. Aliás, a ARDEA surgiu atendendo à necessidade de congregar todos estes centros – uns particulares e outros não – e, neste contexto, de ser a própria organização regional a propor e a desenvolver este quadro competitivo, em que os atletas das diversas ilhas participam, segundo regras que foram previamente estipuladas, sob a criação de um regulamento regional que faz parte de um regulamento nacional em que a própria ARDEA esteve no âmago da sua criação.

Tudo isto culminou na obtenção dos resultados que se conhecem e que têm aparecido com regularidade desde há cinco anos a esta

parte, embora se tenham acentuado bastante nos últimos dois anos. Este ano foi, talvez, a maior concentração de resultados no Campeonato Nacional, pois levámos quatro atletas e todos eles subiram ao pódio: dois primeiros lugares (João Paulo Nogueira e Viviana Rosa), um segundo (Inês Escobar) e um terceiro (Diogo Quadrado). Melhor do que isto será, convenhamos, quase impossível.

Olhando para os resultados, percebe-se que dois atletas são da Associação Hípica Faialense e outros tantos da Associação Equestre Terceirense (ambos formados no Centro Equestre “O Ilhéu”). Qual é o modelo de funcionamento da modalidade e como é que se processa a relação com a ARDEA?

Cada ilha tem uma associação local que trabalha em parceria com a associação regional. Essas associações de ilha trabalham também em parceria com os vários centros equestres existentes.

A ARDEA só tem sócios em nome coletivo. Como tal, quem pretender ser sócio da ARDEA terá que o fazer através de uma entidade coletiva ou, então, de uma associação. Os sócios têm assento nas nossas assembleias e preparação dos projetos. Posteriormente, a direção da ARDEA desenvolve a sua atividade, em estreita colaboração com as associações existentes nas diversas ilhas.

O facto de a representação açoriana no Campeonato Nacional de Dressage não ter incluído atletas de São Miguel tem algum significado especial?

Não. O que acontece é que todos os atletas que pretendam participar no quadro desportivo que a ARDEA publica sempre no início de cada ano têm que fazer seis provas de apuramento local, ou seja, cada associação local desenvolve seis provas que obedecem à nossa regulamentação regional que, por sua vez, integra o regulamento nacional. Aí, os atletas são

apurados para o regional. No regional prestam provas, todas no mesmo local, os melhores de cada associação local. Ao nacional vão apenas os melhores regionais. Não interessa se são do Faial, Terceira, São Miguel ou Graciosa; interessa, sim, que são os melhores dos Açores.

Neste caso concreto, levámos somente quatro atletas ao Campeonato Nacional de Dressage, atendendo às enormes contenções orçamentais e, conseqüentemente, à carência de apoios a que fomos sujeitos. Prestámos apoio àqueles que foram os melhores a nível regional. Por mero acaso, não havia nenhum atleta de São Miguel, o que não quer dizer – longe disso – que não haja valores naquela ilha. Acontece, porém, que, desta feita, não ficaram dentro daqueles que foram apoiados pela ARDEA.

Então não se pode deduzir daqui que há ilhas a trabalhar melhor do que outras ou que há centros hípicas a trabalhar melhor do que

outros...

Os centros hípicas e as associações de ilha trabalham conforme podem. O ano passado, por exemplo, houve atletas de São Miguel no nacional. Este ano, não houve. No próximo ano poderá não haver da Terceira ou do Faial. Tudo deriva, repito, das performances que os atletas alcançam durante o regional e das respetivas classificações, porque estão sujeitos a uma pontuação mínima para poderem ser apurados para o Campeonato Nacional. Por razões que se compreendem facilmente, apenas vão ao nacional com o apoio da ARDEA os melhores classificados. Mesmo tendo pontuações mínimas, houve atletas que ficaram de fora porque a ARDEA, infelizmente, não reúne condições para apoiar toda a gente.

O ano passado tivemos, provavelmente, o maior número de atletas apoiados. Os resultados não foram tão expressivos como agora, mas, ainda assim, trouxemos belíssimas classificações. Este ano, fomos forçados a apoiar menos, mas, se calhar, fruto de mais um ano de trabalho e o consequente amadurecimento da ARDEA, das associações locais e dos próprios atletas, conseguimos uma prestação bastante melhor. Uma prestação que nos envaidece a todos, porque levar quatro atletas e trazer quatro medalhados, acho que qualquer associação, em qualquer modalidade, ficaria muito contente.

FORMAÇÃO

Quatro resultados de grande qualidade alcançados nos escalões jovens. Isto significa que a formação tem sido uma aposta prioritária da ARDEA,

recorrendo, para o efeito, a treinadores devidamente habilitados?

Sem dúvida nenhuma! Quando a ARDEA iniciou funções, lembro-me que havia, salvo erro, um ou dois centros com monitores credenciados. Neste momento, todos os centros associados da ARDEA têm monitores credenciados e, inclusive, alguns albergam mais do que um monitor nestas circunstâncias. Esta acreditação de monitores, a que se junta o facto de os atletas começarem a desportar numa idade bastante tenra, fez com que aparecessem em pouco tempo os primeiros resultados. Pode-se dizer que os primeiros resultados começaram a aparecer há três/quatro anos e, com o passar do tempo, estão a surgir cada vez melhores desempenhos.

Levando em consideração a conjuntura atual, que é de crise profunda, a que o desporto, como é evidente, também não escapa, ainda assim, estão reunidas as condições para que a equitação açoriana continue a progredir – isto porque estamos a falar de uma modalidade que acarreta custos sobremaneira elevados?

Com certeza que sim! Temos que ser mais imaginativos... mais inventivos. A participação em provas nacionais

acarreta, de facto, custos elevadíssimos, mas se até agora entrávamos nos campeonatos nacionais de uma forma algo tímida, presentemente já o fazemos de um modo sobremaneira diferente, em termos de atitude e ambição. Ninguém coloca em causa a legitimidade da nossa participação e, inclusive, somos reconhecidos pelos diversos agentes ligados à modalidade.

Aliás, neste Campeonato Nacional, recebi, tanto da organização da prova como dos juizes que a ajuizaram e da própria Federação, os parabéns pelo trabalho que a ARDEA tem desenvolvido em prol da equitação, o qual se encontra refletido nas classificações alcançadas. É importante sublinhar que os nossos atletas competiram

contra 46 adversários dos diversos escalões etários. Estamos a falar de rivais com outras possibilidades, com outros cavalos e, muito significativo, a atuar dentro do seu habitat, ao passo que nós somos obrigados a deslocar os cavalos de barco, o que representa uma viagem de quatro a cinco dias. Depois, os cavalos têm que seguir com bastante antecedência para recuperar da viagem e estar no local da prova atempadamente. Claro que durante os dias de viagem os cavalos, que, neste aspeto, são como os atletas, precisam de treinar e não o podem fazer. Os nossos atletas seguem dois ou três dias antes da prova para treinar e preparar a sua participação.

Perante tantas limitações, ainda assim conseguimos marcar a nossa posição, o que é, indiscutivelmente, sinónimo de qualidade.

Qualidade dos atletas, qualidade dos centros, qualidade dos treinadores e, claro, qualidade dos cavalos. Muitos deles, apesar de nascidos e criados na ilha Terceira, ou seja, sem atributos genéticos internacionais – até porque não há capacidades económicas para isso, ao contrário do que sucede no continente em que encontramos cavalos que custam milhares de euros –, conseguem cumprir muito bem o seu papel.

No quadro atual, é muito difícil – para não dizer impossível – a ARDEA levar a efeito nos Açores uma grande prova nacional ou, quiçá, internacional?

É extremamente difícil, mas apenas e só por causa das deslocações. Se tivéssemos algum meio de ligação terrestre ao continente, era fácil avançar para um projeto desta natureza e não teríamos, com certeza, qualquer problema. Agora, em termos de logística, sobretudo no que concerne ao transporte dos

cavalos e cavaleiros, é deveras oneroso fazer qualquer coisa do género na Região. Temos espaços físicos ótimos e, no plano organizativo, seria bastante fácil, pois estamos habituados a organizar as provas locais, regionais, etc. A única impossibilidade é mesmo em termos económicos, ou seja, a logística de trazer os cavaleiros e os cavalos do exterior.

No continente, qualquer cavaleiro pega na sua roulotte e no seu cavalo e, em poucas horas, está no local da competição, regressando logo depois a casa. Para uma prova nos Açores, é necessário recorrer ao barco, contentores homologados para o transporte de animais e tratadores. Para além de tudo isto, os cavalos necessitam de vir com larga antecedência. Os próprios atletas também precisam de viajar com alguma antecedência para trabalhar os cavalos. Em termos económicos é, convenhamos, um pouco utópico, mas vamos ver o que nos reserva o futuro. ☐

Presença brilhante no Campeonato Nacional

Os quatro jovens cavaleiros açorianos que representam a ARDEA – Associação Regional do Desporto Equestre dos Açores estiveram em grande destaque no Campeonato Nacional de Dressage (Ensino), evento que decorreu durante os dias 14, 15 e 16 de outubro, no Centro Hípico do Campo Grande, em Lisboa, confirmando, deste modo, a enorme evolução que a modalidade tem conhecido por estas paragens.

Assim, João Paulo Nogueira (Terceira), montando Urano, sagrou-se campeão nacional em juvenis (pelo segundo ano consecutivo), com a média final de 64.66 pontos, o mesmo acontecendo com Viviana Rosa (Faial), montando Valerian, em juniores, com a média final de 65.10. Inês Escobar (Terceira), montando Violino, foi segunda em iniciados, com a média de 59.87. Diogo Quadrado (Faial), montando Ondulado, foi terceiro, com a média de 61.94.

Desta forma, os quatro atletas que defenderam a Região Autónoma dos Açores foram medalhados, tendo conseguido, na circunstância, dois primeiros lugares, um segundo e um terceiro, o que é, convenhamos, simplesmente notável. Segundo João Branco Pires, presidente em exercício da ARDEA, “estamos convictos de que, apesar das enormes dificuldades, contratempos e espírito de sacrifício, esta foi uma prestação que muito dignifica os atletas açorianos, a modalidade, os centros hípicas, as associações locais, a ARDEA e, claro, a própria Região”.

“A todos os que de alguma forma têm tornado possível operacionalizar este quadro competitivo, a todos os que acreditam neste projeto, a todos os atletas, familiares, monitores, dirigentes, direções regionais, etc., o nosso sentido agradecimento. Esta é, com certeza, uma vitória de todos nós”, acrescenta, com justificado orgulho.

Sublinhe-se ainda que os cavaleiros terceirenses João Paulo Nogueira e Inês Escobar, que estiveram recentemente em destaque na edição semanal do “DI/ X L”, integram os quadros do Centro Equestre “O Ilhéu”. ☐

